

## **Análise de erros ortográficos de alunos do primeiro ano da alfabetização: uma proposta sociolinguística**

### ***Analysis of spelling errors of first-year literacy students: a sociolinguistic proposal***

### ***Análisis de las faltas ortográficas de alfabetizadores de primer año: una propuesta sociolingüística***

Ana Paula Silva<sup>1</sup>

 [0000-0002-5255-9231](https://orcid.org/0000-0002-5255-9231)

Daiane Martins<sup>2</sup>

 [0000-0001-6191-703X](https://orcid.org/0000-0001-6191-703X)

Joyce Elaine de Almeida Baronas<sup>3</sup>

 [0000-0001-7866-5166](https://orcid.org/0000-0001-7866-5166)

**RESUMO:** Este artigo, inserido no âmbito da Sociolinguística Educacional, tem por objetivo descrever e analisar as dificuldades das crianças com relação ao aprendizado da escrita e quais as interferências da oralidade nesse processo encontradas nas produções textuais escritas do gênero ditado de alunos do primeiro ano, do Ensino Fundamental I, da Escola Municipal Moacyr Camargo Martins, da cidade de Londrina. O embasamento teórico deste estudo se ancora nos estudos propostos por Câmara (1957), Bortoni-Ricardo (2004, 2005, 2006, 2008) e Cagliari (2006) acerca da língua falada e da língua escrita, assim como nas categorias de análise propostas por Bortoni-Ricardo (2004, 2005, 2006, 2008). Além dos pressupostos sociolinguísticos, este trabalho também toma por base as fases de alfabetização trazidas por Ferreiro e Teberosky (1984). Por meio da análise, investigaram-se os problemas na escrita infantil, enfocando a interferência da oralidade e o desconhecimento das convenções arbitrárias da ortografia, classificando os erros a partir dessas categorias. Os dados mostram que os estudantes absorvem diversos fenômenos da oralidade, bem como apresentam dificuldade em seguir todas as normas ortográficas vigentes por conta de seu ainda recente contato com elas, resultados estes que vão ao encontro das hipóteses feitas inicialmente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociolinguística; Erro; Oralidade e Escrita.

**ABSTRACT:** This article, inserted in the scope of Educational Sociolinguistics, aims to describe and analyze the difficulties of children in relation to learning to write and what are the interferences of orality in this process found in the written textual productions of first-year

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina. E-mail: ana7agst@gmail.com

<sup>2</sup> Doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina. E-mail: daiane.martins@uel.br

<sup>3</sup> Professora associada na Universidade Estadual de Londrina. E-mail: joyal@uel.br

students, of Elementary School I, from the Moacyr Camargo Martins Municipal School, in the city of Londrina. The theoretical framework of this study is anchored in the studies proposed by Camara (1957), Bortoni-Ricardo (2004, 2005, 2006, 2008), and Cagliari (2006) about spoken and written language, as well as the categories of analysis proposed by Bortoni-Ricardo (2004, 2005, 2006, 2008). In addition to the sociolinguistic assumptions, this work is also based on the literacy phases brought by Ferreiro and Teberosky (1984). Through analysis, problems in children's writing were investigated, focusing on the interference of orality and the lack of knowledge of arbitrary spelling conventions, classifying mistakes from these categories. The data show that students absorb several phenomena of orality, as well as having difficulty following all current orthographic norms due to their still recent contact with them, results that are in line with the hypotheses made initially.

**KEYWORDS:** Sociolinguistics; Mistakes; Orality and Writing.

**RESUMEN:** Este artículo, inserto en el ámbito de la Sociolingüística Educativa, tiene como objetivo describir y analizar las dificultades de los niños, en relación al aprendizaje de la escritura, y cuáles son las interferencias de la oralidad en ese proceso encontradas en las producciones textuales escritas por alumnos del primer año de la Enseñanza Fundamental de la Escuela Municipal Moacyr Camargo Martins, en Londrina-PR. La base teórica está anclada en los estudios realizados por Mattoso (1957), Bortoni-Ricardo (2004, 2005, 2006, 2008) y Cagliari (2006) sobre el lenguaje oral y escrito, así como las categorías de análisis propuestas por Bortoni-Ricardo (2004, 2005, 2006, 2008). Además de los supuestos sociolingüísticos, este trabajo también cuenta con las fases de alfabetización aportadas por Ferreiro y Teberosky (1984). A través del análisis, se indagaron problemas en la escritura de los niños, enfocándose en la interferencia de la oralidad y el desconocimiento de convenciones ortográficas arbitrarias, clasificando los errores de esas categorías. Los datos muestran que los estudiantes absorben varios fenómenos de la oralidad, además de tener dificultad para seguir todas las normas ortográficas vigentes debido a su contacto aún reciente con ellas, lo que resulta es que están en línea con las hipótesis formuladas inicialmente.

**PALABRAS CLAVE:** Sociolingüística; Error; Oralidad y Escritura.

## Introdução

A interferência da fala na escrita e o conhecimento das normas ortográficas tem sido tópico de debate e reflexão no campo dos estudos sociolinguísticos, especialmente dentro de textos e produções escritas de alunos do Ensino Fundamental. Esta realidade, apesar de comum e esperada, por vezes torna-se tópico de preocupação de muitos professores que afirmam não saber como trabalhar esse contexto em sala de aula. Por isso, uma abordagem sociolinguística se faz necessária, uma vez que serve não só como material reflexivo, mas como orientação didático-pedagógica.

Levando em consideração os conceitos de Câmara (1957), Bortoni-Ricardo (2004, 2005, 2006, 2008), Cagliari (2006, 2009), Soares (1985), Ferreiro e Teberosky

(1984) sobre a análise de erros e sobre as fases de alfabetização, põem-se as seguintes questões: 1) qual a proporção da interferência da oralidade na produção escrita? 2) qual a proporção da interferência da falta de conhecimento das normas da língua portuguesa na escrita? 3) a incidência no ditado é mais ligada à oralidade ou às normas ortográficas?

Inicialmente, antes da coleta dos dados, hipotetizou-se que os alunos teriam maior dificuldade com palavras mais extensas por terem uma maior quantidade de sílabas e, conseqüentemente, de combinações fonéticas que poderiam levar os estudantes a realizarem trocas, sejam essas motivadas pela influência da oralidade ou pela falta de conhecimento da norma de escrita do português. Considerando as palavras selecionadas - galho, cigarra, formigueiro e céu - e as expectativas acima descritas, ponderou-se que as palavras mais suscetíveis a erro seriam formigueiro e cigarra. No entanto, após a análise, constatou-se que, apesar das palavras maiores terem um alto índice de erros, a palavra céu, a menor delas, resultou na maior quantidade de erros, contrariando a hipótese inicial.

Partindo desses pressupostos, o presente artigo objetiva descrever e analisar as produções escritas, do gênero ditado, dos alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental I de uma escola municipal da cidade de Londrina, a partir do esquema de análise de Bortoni-Ricardo (2006), com o propósito de contribuir para os estudos da área de Sociolinguística, promovendo a reflexão dos docentes sobre os fenômenos linguísticos, principalmente os que se relacionam com a transposição da fala para a escrita e o recente contato com as normas da língua.

## **Aporte teórico**

Dentro dos estudos Sociolinguísticos dos “erros” dos alunos, destaca-se, num primeiro momento, Câmara (1957), que realiza um trabalho de identificação sistemática dos erros escolares e os correlaciona com as tendências linguísticas da cidade analisada. Para além de uma sumarização da análise linguística realizada, o autor identifica em seu trabalho padrões extralinguísticos, tais como o aspecto

social, que leva a realizações diferentes da língua. Tal estudo mostra-se importante para a compreensão, mapeamento e valorização das variantes faladas pelos alunos, de forma a promover um autoconhecimento de sua comunidade e de seu falar. Já para o professor, essa sistematização é crucial a fim de entender a comunidade da qual o aluno participa e quais intervenções devem ser feitas para ampliar o local linguístico de ação dos estudantes.

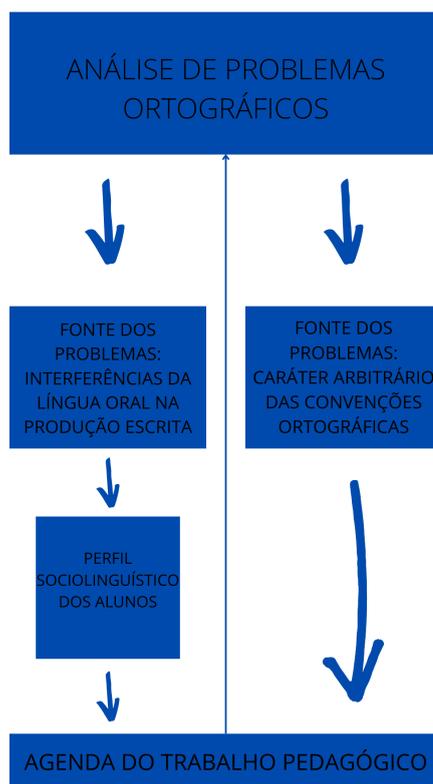
Bortoni-Ricardo (2004, 2005, 2006, 2008) e Cagliari (2006) também apresentam uma ampla discussão sobre a noção do conceito de erros dos alunos. Destaca-se que tais autores não abordam o erro com uma visão simplista de erro e acerto, mas entendem que existem diversos fatores que levam o aluno a estar adequado ou inadequado dentro de um determinado contexto, visão essa que deve ser adotada tanto por professores como por alunos em sala de aula. À luz dessa proposta, há uma busca por categorizar os diferentes tipos de erros de acordo com suas características e motivações linguísticas que explicam a sua ocorrência. Coloca-se, também, uma gama de soluções que partem do erro e o aplicam como forma de mapeamento e análise para a elaboração metodológica do trabalho docente. Assim, propõe-se que o professor adote uma postura analítica desses erros, utilizando-os para direcionar seu trabalho e minimizar ocorrências futuras, além de criar atividades e materiais didáticos específicos que o ajudem a cumprir esse objetivo.

Em se tratando especificamente da classificação de Bortoni-Ricardo (2006), que será utilizada neste trabalho, tem-se uma clara distinção entre os erros ortográficos, que se dividem em duas categorias: o primeiro tipo é resultante da intervenção da oralidade; já o segundo tipo, explica-se pelo sistema de convenções ortográficas, ou seja, por ser um conjunto de convenções, o seu aprendizado está ligado à familiaridade que cada sujeito tem com esse sistema. Ambos, apesar de suas diferenças, demandam um tratamento sociolinguístico por parte do professor. A autora esclarece que os alunos já chegam na escola com a competência linguística do português brasileiro, uma vez que a utilizam para se comunicar diariamente. Portanto, fazer o aluno se comunicar em português não deve ser o objetivo do professor, mas sim refletir sobre a língua. Essa reflexão contribui para ampliar a

competência linguística que eles já possuem, tanto na oralidade quanto na escrita, mostrando-se ainda mais crucial quando há maior convivência com a modalidade escrita.

Bortoni-Ricardo (2006) aponta que a primeira ação que o professor deve ter é fazer a distinção dos tipos de “erros”. Num segundo momento, o professor deve fazer uma análise dos problemas ortográficos para poder distingui-los de acordo com a sua origem. Essa análise se dá pela coleta de amostras das produções, o que também é fundamental para compreender o perfil sociolinguístico dos alunos. A partir dos resultados obtidos, o professor pode traçar um cronograma de ensino pertinente e efetivo às necessidades dos estudantes. Tal percurso é trazido pela autora na forma de um esquema, como exemplificado abaixo:

**Figura 1** - Esquema de Análise dos problemas ortográficos.



**Fonte:** Elaborado pelas autoras com base em (Bortoni-Ricardo, 2006).

Para a Sociolinguística, todo falante nativo é competente em sua língua

materna. O que se entende comumente como erro é visto por esse campo de estudos como uma questão de inadequação. Assim, o “erro”, na língua oral, é um fato social, uma vez que ele não acontece a partir da transgressão do sistema. Essa postura visa ir de encontro ao estigma associado às falas menos escolarizadas. Dessa forma, o que Bortoni-Ricardo (2006) conclui é que o problema ortográfico apresenta características diferentes nas modalidades falada e escrita e, por isso, deve ser tratado e conceituado diferentemente. Na fala não existem erros, apenas inadequações ou maneiras de expressão linguística, logo, o professor deve ter cautela ao tentar interferir na modalidade oral do aluno, pois se trata de sua identidade linguística. Já na língua escrita, os desvios são transgressões das convenções pré-estabelecidas, na medida em que não são previstas variações. Como a uniformidade ortográfica garante sua funcionalidade, faz-se necessária a intervenção do professor. No entanto, cabe a ele buscar formas pedagogicamente eficientes, de maneira a trazer uma aprendizagem significativa e não-traumática para o aluno. Por fim, ressalta-se que mesmo o erro na escrita é uma forma de hipotetização sobre a ortografia da língua e merece a devida atenção e análise, para que se entenda como esse desvio ortográfico foi construído e o quanto a modalidade oral interferiu nesse processo, ou seja, esse é um processo de apropriação pelo qual o aluno passa, pertinente à sua idade e, inclusive, presente nos documentos oficiais que tratam do processo de alfabetização e inserção da aquisição da modalidade escrita. Os documentos que formalizam as orientações curriculares tratam a alfabetização como um processo de compreensão do sistema de escrita alfabética, das habilidades de leitura e escrita (BRASIL, 2007). Nesse âmbito, Soares (1985) fala da importância de estabelecer a diferenciação na apropriação da língua oral e escrita, durante o processo de desenvolvimento dessas habilidades. Isto é, o processo de alfabetização deve ser o foco das ações pedagógicas e para que isso ocorra é necessário considerar os seguintes objetivos de aprendizagem: reconhecer todas as letras do alfabeto; escrever palavras de forma alfabética; realizar a correspondência fonema-grafema; decodificar palavras e textos escritos; relacionar o nome da letra a sua grafia (BRASIL, 2017).

Considerando a disparidade em um ambiente de sala de aula, para que seja

possível analisar os erros e adotar as medidas cabíveis, nada melhor que promover uma avaliação diagnóstica, prática recorrente nas escolas municipais de Londrina, Paraná. Na escola onde foram coletados os dados para este estudo, os discentes fazem avaliações de todas as disciplinas trimestralmente. No caso dos alunos de alfabetização, a análise da escrita se dá por meio de atividades de ditado e o professor alfabetizador, ao fazer a correção, monta pareceres individuais, os quais classificam os alunos quanto às fases de aquisição da escrita.

Ferreiro e Teberosky (1984), ao abordarem o assunto, consideram que a escrita de uma criança em período de alfabetização segue uma linha de evolução contida de três períodos: Nível pré-silábico; Nível silábico; Alfabético. Em resumo, a criança considerada pré-silábica é capaz de diferenciar o desenho da escrita. No nível silábico há a consciência da identificação, organização e disposição das letras na construção das palavras, entretanto não se chegou ao domínio da escrita. Por último, no nível alfabético, a criança é capaz de estabelecer a correspondência entre fonema e grafema, ou seja, há a fonetização da escrita.

Assim que o professor regente da turma faz a classificação dos alunos, há uma segunda triagem, na qual os alunos alfabéticos são divididos em três níveis. São eles: Alfabético 1; Alfabético 2; Alfabético 3.

No nível 1, a criança aceita a vogal inicial, reconhecendo a união de consoante e vogal na formação das sílabas e percebe os encontros consonantais. Na habilidade de leitura, nota-se que essa é parcial, ora contínua, ora pausada, ou seja, a leitura é feita, porém não há a compreensão. No nível 2, o aluno passa a dominar os encontros consonantais e inicia o reconhecimento dos dígrafos (NH, CH, LH), reconhece sílabas complexas e produz textos curtos, ainda com alguns erros fonéticos, mas com coesão. A leitura é convencional e há a compreensão do que foi lido. No nível 3, o estudante tem a percepção de que há sons que são representados por duas letras. Os textos produzidos são médios e longos, com coerência e coesão, fazendo uso de parágrafos e pontuação. A leitura é convencional, na qual se compreende e interpreta o que foi lido (GONÇALVES, 2006).

Nesse âmbito, após a classificação, o professor planeja as ações para que os estudantes que não alcançaram o nível alfabético possam se apropriar da escrita e,

para aqueles que se apropriaram, o trabalho será de aprimoramento dessa habilidade. Para tal, a análise dos erros é de suma importância na elaboração das atividades de aprimoramento. Neste estudo, serão analisadas e contabilizadas as atividades feitas pelos alunos silábicos e alfabéticos de todos os níveis, não considerando as classificações.

## Metodologia

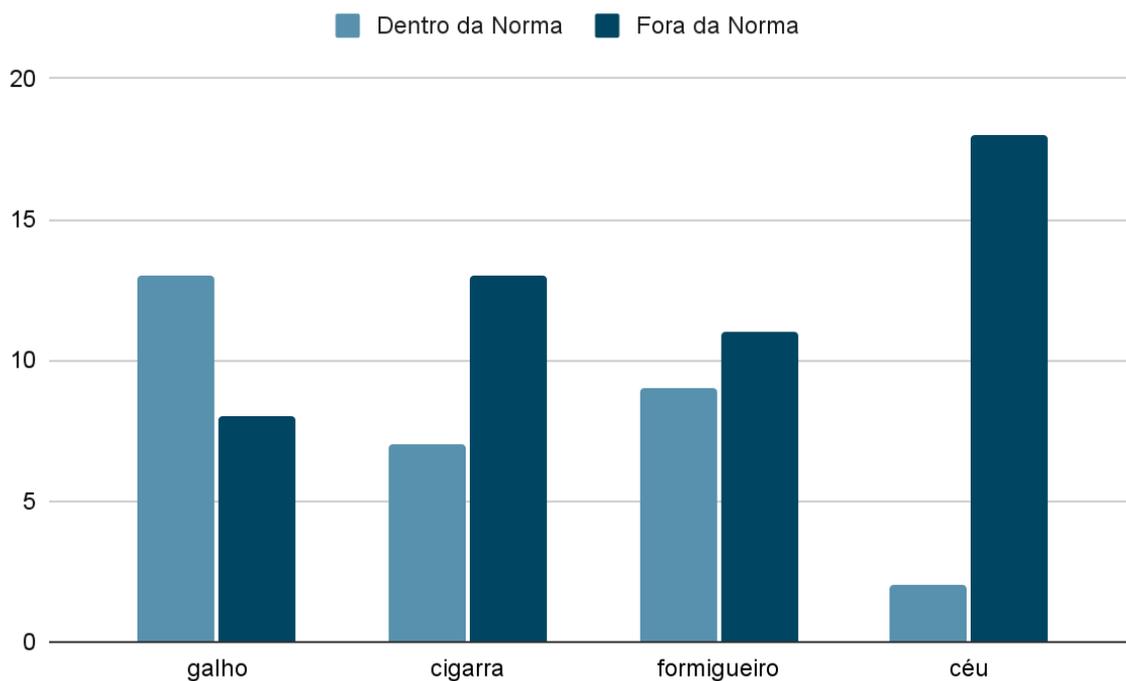
Buscando descrever e analisar os erros de escrita influenciados pela oralidade e pelo contato recente com as convenções ortográficas do português brasileiro, esta pesquisa toma por base as contribuições de Bortoni-Ricardo (2006), objetivando um tratamento sociolinguístico dos dados coletados. O *corpus* deste estudo é composto por produções resultantes de um ditado realizado com 23 alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental I da Escola Municipal Moacyr Camargo Martins, da cidade de Londrina, Paraná. O ditado era composto por quatro palavras: galho, cigarra, formigueiro e céu, que seriam enunciadas pela professora e uma frase que seria criada pelos alunos utilizando as palavras do ditado. Para este artigo, considerando sua dimensão, optamos por analisar apenas quatro palavras, uma vez que a frase traz um outro grau de complexidade que será melhor abordado em um texto de maior extensão.

Numa primeira análise, foram descartadas, considerando o objetivo do estudo, todas as amostras que apresentavam características de fases pré-silábicas. Após essa seleção inicial, os dados considerados válidos foram separados e analisados de acordo com a fonte do problema ortográfico diagnosticado: interferências da língua na sua modalidade oral na produção escrita ou o caráter arbitrário das convenções ortográficas vigentes (BORTONI-RICARDO, 2006). A partir da análise dos problemas ortográficos e da distinção de sua origem, é traçado o perfil sociolinguístico dos alunos e planejado um trabalho pedagógico que leve em consideração o que foi diagnosticado. Assim, ao final, tem-se uma proposta que contempla as dificuldades de cada aluno em relação às regras arbitrárias da língua, bem como o grau de interferência que a oralidade está exercendo na escrita.

## Análise

O ditado analisado foi composto por 4 palavras que aparecem na seguinte ordem: galho, cigarra, formigueiro e céu. Das 23 produções coletadas, 3 delas não foram consideradas para esta pesquisa, uma vez que os alunos se encontram em um estágio pré-silábico. Ademais, das 20 produções escritas, todas as palavras foram respondidas pelos estudantes, não havendo, portanto, ausência de respostas. Por fim, para melhor observação dos dados, optou-se pela utilização de gráficos que resumem os resultados obtidos.

**Gráfico 1** - Ocorrências de acordo com as normas ortográficas do português brasileiro

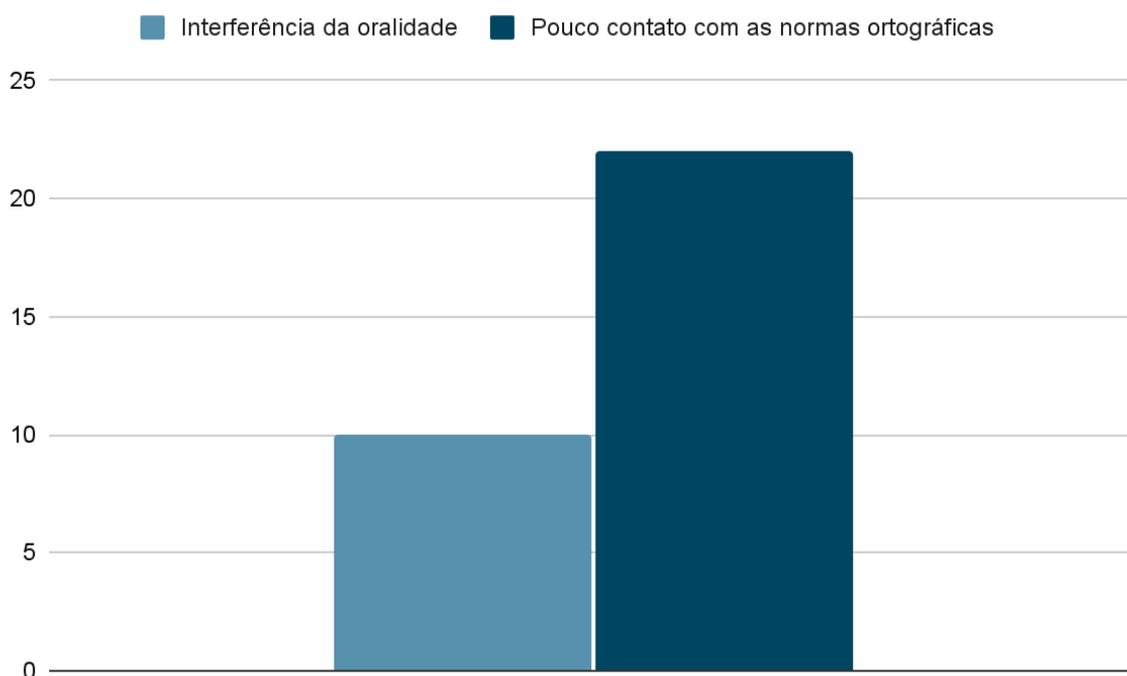


**Fonte:** Elaborado pelas autoras com base nos dados coletados.

Analisando os dados, de maneira inicial, observa-se que a palavra em que mais houve desvio da norma ortográfica vigente foi *céu*, com 18 ocorrências fora da

norma e 2 ocorrências dentro da norma. Em seguida, têm-se a palavra *cigarra*, com 13 ocorrências ortograficamente corretas e 7 ocorrências ortograficamente erradas. Já *formigueiro* aparece 11 vezes com a ortografia correta e 9 vezes com desvios da norma. A palavra *galho*, por sua vez, tem a maior quantidade de ocorrências dentro da norma ortográfica, 13, em contraposição a 8 ocorrências fora da ortografia vigente.

**Gráfico 2** - Ocorrências de acordo com a interferência da oralidade ou do pouco contato com as normas ortográficas

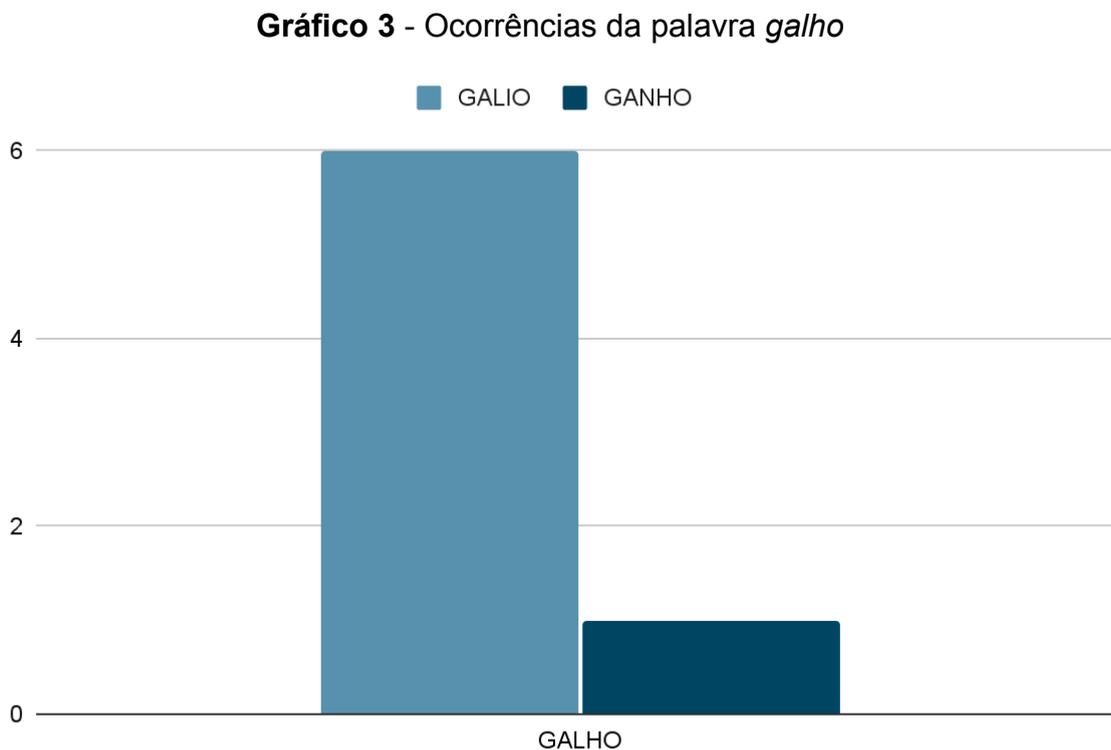


**Fonte:** Elaborado pelas autoras com base nos dados coletados.

Dentro das 32 ocorrências encontradas no ditado, 10 delas são originadas por uma transposição da oralidade para a escrita e 22 delas são decorrência de uma falta de conhecimento das normas ortográficas vigentes no português brasileiro. O resultado dos erros encontrados aponta que os estudantes não têm um baixo desempenho em língua portuguesa, mas que apenas necessitam de um contato mais intenso e sistemático com ela, principalmente em relação à ortografia. Este contato precisa ser mediado pelo professor e acontecerá gradualmente ao longo do tempo escolar do aluno.

## 1.1 GALHO

A palavra *galho* teve dois tipos de ocorrências, sendo elas *galio* e *ganho*, tendo a seguinte distribuição:



**Fonte:** Elaborado pelas autoras com base nos dados coletados

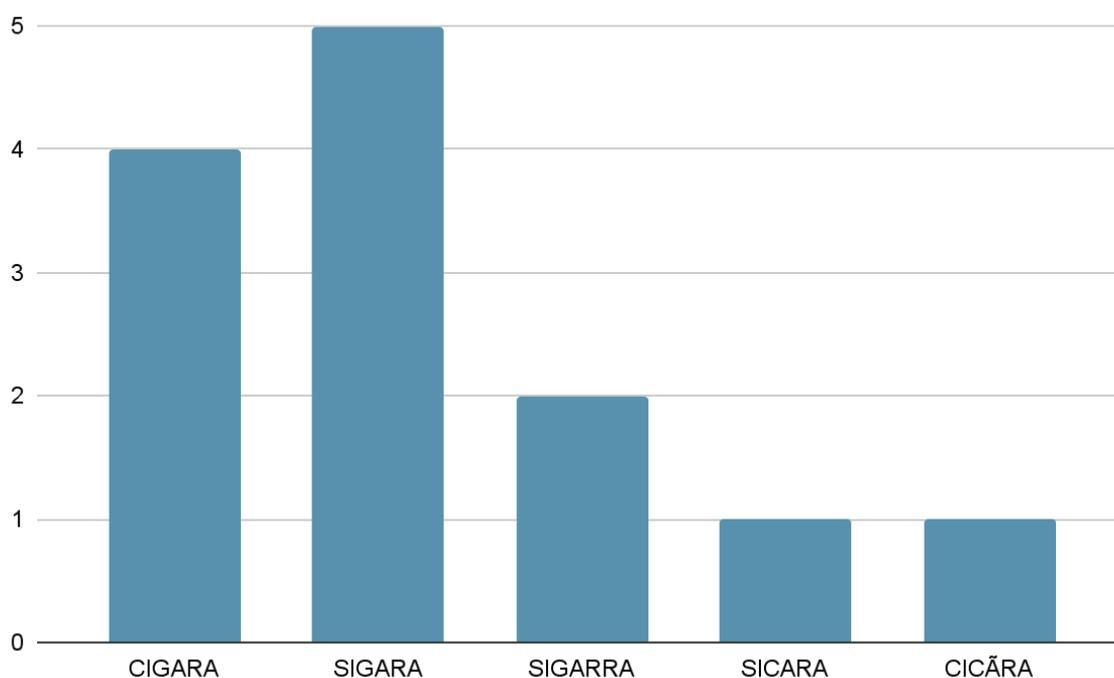
A ocorrência *galio* revela que os estudantes transportam um elemento da oralidade para a escrita, visto que a vocalização da lateral palatal, também chamado de iotismo, é comum na modalidade oral da língua, apesar de apresentar certo estigma quando presente na escrita (DA HORA, 2006). Nas fases iniciais, quando o aluno começa o contato mais sistemático com a língua, nota-se que, por vezes, há uma dificuldade em separar os fenômenos orais dos escritos, fato este normal e compatível com a fase de aprendizado em que eles se encontram. Além disso, o aluno, na realização mental, antes da realização escrita, faz uma despalatalização o que explica a ocorrência de *galio*.

A ocorrência *ganho*, por sua vez, traz a hipótese de que houve um equívoco que levou o aluno a utilizar o /NH/ ao invés do /LH/. Como este aluno se encontra em uma fase inicial e de provável transição entre os estágios de alfabetização, acredita-se que a troca do /N/ pelo /L/ tenha sido acidental e, portanto, relacionada ao ainda breve conhecimento das normas linguísticas.

## 1.2 CIGARRA

A palavra *cigarra* teve 5 ocorrências: *cigara*, *sigara*, *sigarra*, *sicara*, *cicãra*, como demonstrado no gráfico:

**Gráfico 4** - Ocorrências da palavra *cigarra*



**Fonte:** Elaborado pelas autoras com base nos dados coletados.

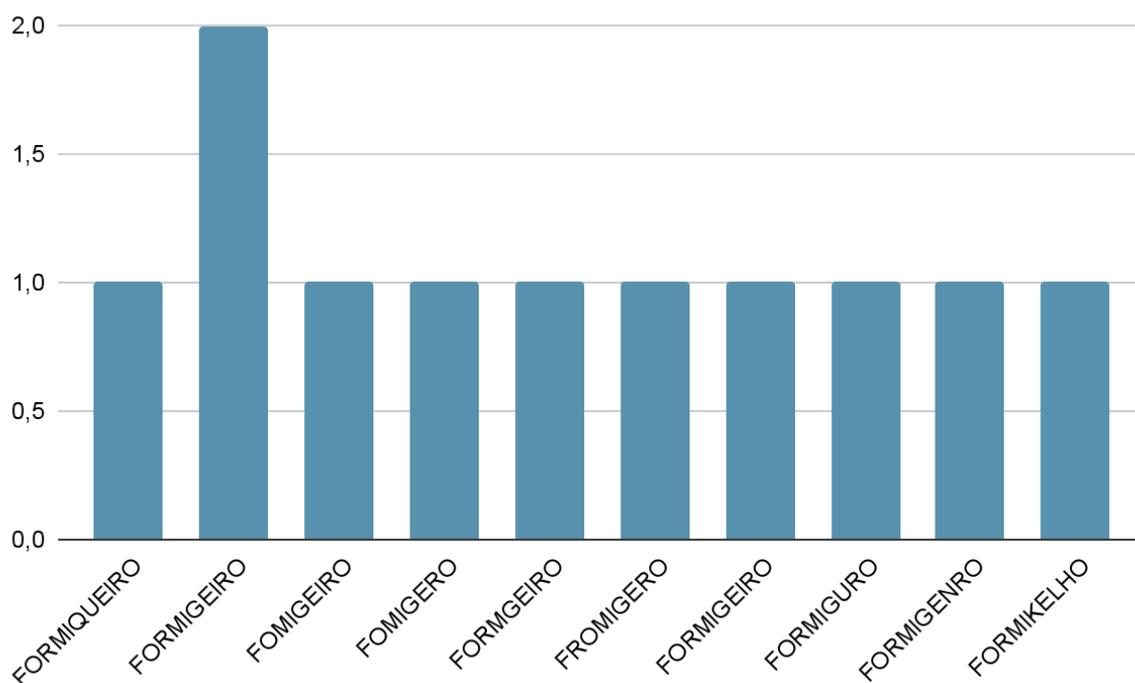
Dentro das ocorrências encontradas, temos *cigara*, *sigara* e *sigarra* que podem ser explicadas por conta do ainda pouco contato do aluno com as normas, uma vez que a ortografia é construída de forma arbitrária. Isso deve ser abordado pelo professor com exercícios que promovam a fixação e o manejo das normas, a exemplo, a leitura de textos que contenham essa palavra. Já as ocorrências *sicara* e *cicãra* apresentam ocorrências ligadas a motivações distintas. A troca de /C/ por

/SI/, de /RR/ por /R/ e o uso do til se dão pelo pouco conhecimento ortográfico; já a troca de /GA/ por /CA/ se relaciona a uma possível interferência da oralidade. A criança pode estar lidando com uma palavra que conhece pouco ou mesmo que desconhece. Isso faz com que ela se apoie majoritariamente na audição para decodificar a palavra, o que pode levar à troca de fonemas parecidos, como o caso de /G/ e /C/, em que a primeira é uma oclusiva velar vozeada e a segunda é uma oclusiva velar desvozeada.

### 1.3 FORMIGUEIRO

A palavra *formigueiro* teve a maior quantidade de ocorrências, tendo um total de 10, sendo elas: *formiqueiro*, *formigeiro*, *fomigeiro*, *fomigero*, *formgeiro*, *fromigero*, *formigeir*, *formiguro*, *formigenro*, *formikelho*.

**Gráfico 5** - Ocorrências da palavra *formigueiro*



**Fonte:** Elaborado pelas autoras com base nos dados coletados.

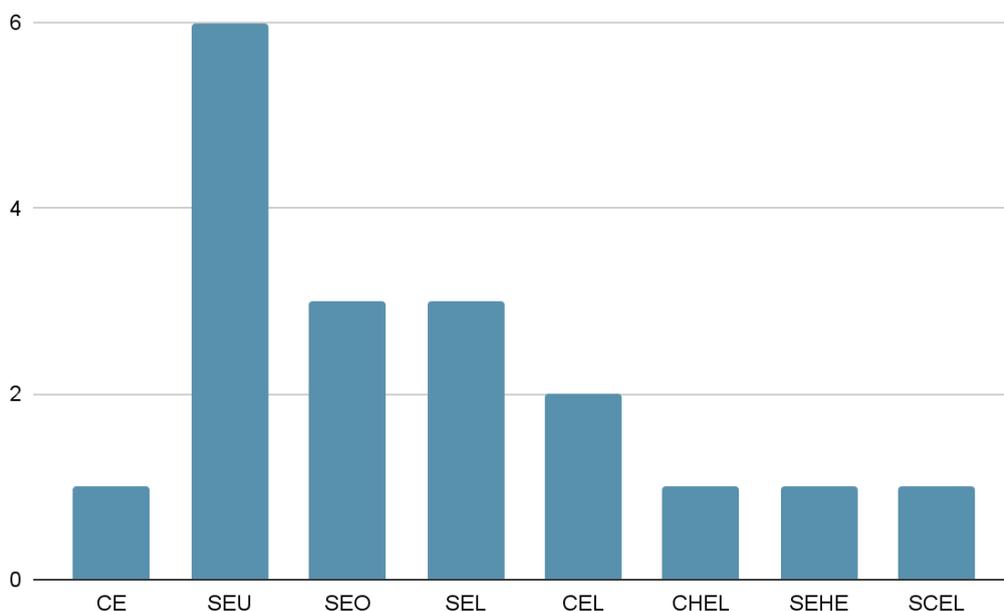
As ocorrências *formiqueiro*, *formigeiro*, *fromigero* e *formgeiro* são ocasionadas por questões ortográficas que ainda precisam ser melhores fixadas pelos

estudantes. Já as ocorrências *fomigeiro* e *fomigero*, além de apresentarem questões normativo-ortográficas, apresentam, também, interferência da oralidade, uma vez que a queda do /R/ pode ocorrer, como na palavra *cigarra*, por falta de contato com a palavra, levando a um apoio na escuta da palavra que pode chegar com ruído ao aluno, levando-o a não identificar esse fonema. Soma-se a isso o tamanho do vocábulo que, por ter uma maior extensão, coloca-se como um fator de maior dificuldade para o estudante. A extensão desse vocábulo pode levar o aluno a outros equívocos, a exemplo a ocorrência *formiguro*, que, possivelmente, não se relaciona nem à questão ortográfica, nem à interferência da oralidade, mas a um mero esquecimento do aluno durante a realização escrita. As ocorrências *formigeir* e *formigenro*, por sua vez, vão destacar a interferência da oralidade na escrita, uma vez que a supressão do /O/ final e a utilização de /GENRO/ demonstra um apoio na fala e no que foi escutado pela criança: a primeira pode ser explicada pela força da vogal final ser menor e, conseqüentemente, mais difícil de se escutar e decodificar; a segunda mostra a tentativa do aluno de escrever a palavra, provavelmente desconhecida, a partir dos seus conhecimentos prévios e das suas hipóteses sobre a língua. Por fim, a ocorrência *formikelho* também revela a interferência da oralidade, mas, diferente das duas anteriores, também aponta que o aluno ainda não está completamente consolidado na fase alfabética.

#### 1.4 CÉU

A palavra *céu* teve 8 ocorrências: *ce, seu, seo, sel, cel, chel, sehe, scel*.

#### Gráfico 6 - Ocorrências da palavra *céu*



**Fonte:** Elaborado pelas autoras com base nos dados coletados.

Analisando as ocorrências da palavra *céu*, temos *ce*, que atesta a influência da oralidade na escrita, principalmente se observarmos que o segundo fonema /U/ é pronunciado de forma mais branda, fazendo com que a criança passe despercebida por ele na realização escrita. Já as demais ocorrências mostram as tentativas dos alunos de criar hipóteses sobre as normas ortográficas do português brasileiro, normas essas que eles estão começando a ter um contato mais sistêmico e, por isso, ainda não foram completamente internalizadas. Esse momento inicial de aprendizado das normas também explica a falta de acento nas tentativas dos estudantes, uma vez que a utilização desse sinal também é, de certa forma, arbitrária.

## Considerações finais

A análise dos dados coletados fez perceptível a variedade de marcas características da comunicação oral que se faz presente nas produções escritas dos estudantes, além de possibilitar verificar os erros ortográficos representados na escrita de alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental I. Dentro das duas

categorias analisadas, constatou-se que a maior incidência concentra-se no pouco conhecimento da norma ou mesmo na ausência dele. Por se tratar de uma turma ainda inicial em relação ao contato com a arbitrariedade da norma, tais erros são comuns e esperados, não sinalizando uma deficiência na aprendizagem do português brasileiro, esperando-se que tais erros diminuam ao longo do tempo à medida em que as regras ortográficas sejam consolidadas pelo aluno. No entanto, é necessário que o professor tenha ciência dos pontos de dificuldade dos discentes e possa elaborar um conteúdo programático que atenda aos pontos com maior incidência de erros, trazendo atividades que exponham os alunos às normas vigentes, sendo essas significativas para o seu progresso em relação ao uso dos padrões normativo-ortográficos da língua. Assim, com base nos pressupostos teóricos adotados, entende-se que o professor precisa ter um olhar investigador para que possa desenvolver um trabalho que vá além do que um mero destaque de erros, mas que leve os discentes a refletir sobre cada um deles de forma sistemática e processual, para que os estudantes se apropriem das regras ortográficas e possam dominá-las de forma efetiva.

Em se tratando da interferência da oralidade, os fenômenos registrados são fenômenos fonético-fonológicos variáveis na língua falada e, portanto, constituem objetos de estudo da Sociolinguística Variacionista, por estarem em variação ou em mudança. As ocorrências voltadas para a influência oral encontradas nas produções revelam que a língua é, de fato, viva, heterogênea e que há uma distância entre a língua escrita e a língua realmente falada pelos brasileiros, ainda que se esteja considerando os falantes escolarizados e que passam por um processo de imersão na cultura da escrita. Sobre o assunto, Cagliari (2009) afirma que:

uma criança que escreve *disi* não está cometendo um erro de distração, mas transportando para o domínio da escrita algo que reflete sua percepção da fala. Isto é, a criança escreveu a palavra não segundo sua forma ortográfica, mas segundo o modo como ela a pronuncia (CAGLIARI, 2009, p. 26).

Assim, compreende-se que a criança que escreveu *cigara, seu, formigueiro* ou *galio* não está fora do sistema de escrita do português brasileiro, mas apenas cometeu inadequações em relação às normas ortográficas vigentes por apoiar-se na

oralidade. Portanto, é crucial que o docente oportunize a reflexão sobre o tema, tomando cuidado para, no processo de retirar as marcas de oralidade da escrita, não fazer isso de forma a diminuir o vernacular do aluno.

A análise dos “erros” nas produções dos alunos possibilitou a compreensão de como estão escrevendo os alunos da escola investigada, quais as características particulares e gerais de sua escrita e, principalmente, perceber a natureza e origem do “erro”. Enfatiza-se que a escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas existentes na comunidade estudantil e deve atentar-se para o fato de que essa variedade de fala pode ser materializada nas produções textuais escritas, especialmente quando os alunos ainda não consolidaram as diferenças entre oral e escrito ou mesmo as normas dentro da modalidade escrita, fazendo-se necessária uma abordagem sistemática, processual e reflexiva. Dessa forma, buscou-se, com esta pesquisa, uma compreensão dos fenômenos linguísticos de forma a colaborar com a reflexão dos docentes, objetivando a construção de uma prática pedagógica sociolinguística do ensino de língua portuguesa que seja capaz de contribuir para a aprendizagem e para a formação dos alunos.

## Referências

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegamos na escola e agora?* Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005.

BORTONI\_RICARDO, Stella Maris. O estatuto do erro na língua oral e escrita. In: GORSKI, E. M.; COELHO, I. L. (org.). *Sociolinguística e ensino: contribuições para a formação do professor de língua*. Florianópolis: EdUFSC, 2006.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O Professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Pró-Letramento: programa de formação continuada de professores/anos iniciais: alfabetização e linguagem*. Brasília: MEC, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*: educação infantil e ensino fundamental. Brasília: MEC, 2017.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e linguística*. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2006.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e linguística*. 11. ed. São Paulo: Scipione, 2009.

CÂMARA, Joaquim Mattoso. Erros de escolares como sintomas de tendências lingüísticas no português do Rio de Janeiro. *Romanistisches Jahrbuch*, Hamburg, v. 8, n. 1, p. 279-286, 1957.

DA HORA, Da. Vocalização da lateral/l/: correlação entre restrições sociais e estruturais. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 29-44, 2006.

FERREIRO, Emília.; TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

GONÇALVES, Solange de Souza. *O desenvolvimento da consciência fonêmica e a aquisição do princípio alfabético*. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2006.

Disponível em:

[http://www.fclar.unesp.br/agenda-pos/linguistica\\_lingua\\_portuguesa/757.pdf](http://www.fclar.unesp.br/agenda-pos/linguistica_lingua_portuguesa/757.pdf).

Acesso em: 20 out. 2022.

SOARES, Magda Becker. As muitas facetas da alfabetização. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 52, p. 19-24, fev. 1985.

Recebido em: 19 maio 2023  
Aprovado em: 08 jul. 2023

Revisora de língua portuguesa: Rafaela Merli  
Revisor de língua inglesa: Renan William Silva de Deus  
Revisora de língua espanhola: Juliana Moratto

